

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Maria de Fátima Vilar de Melo<sup>1</sup>  
Maria das Graças Caldas Gouveia

## Resumo

Este artigo tece algumas considerações sobre a Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici, em 1957, a partir do seu estudo: *La psychanalyse, son image et son public*. Essa teoria visa a elucidar os processos estudados pela psicologia social. Essas considerações têm como propósito traçar uma breve caracterização dessa teoria em relação à sua origem, seus objetivos, seus processos e seu estado de desenvolvimento.

**Palavras-chave:** representações sociais - psicologia social - conhecimento do senso comum - processo - produto

## CONSIDERATIONS ON THE THEORY OF SOCIAL REPRESENTATIONS

### Abstract

This article pulls together some considerations on the Theory of Social Representations set out by Serge Moscovici, in 1957, in his study: *La psychanalyse, son image et son public* (Psychoanalysis, its image and its public). This theory aims to elucidate the processes studied by social psychology. The aim of these considerations is to outline a brief characterization of this theory in relation to its origin, its objectives, its processes and its state of development.

**Key words:** social representations social psychology knowledge of common sense - process product

A noção de *representação social* foi elaborada por Moscovici(1961) através de seu estudo sobre as mudanças sofridas por uma teoria científica quando ela é disseminada na sociedade e apropriada por diferentes grupos

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. Doutora em Psicologia pela Universidade René Descartes – Paris V – SORBONNE. E-mail: [mfymelo@unicap.com.br](mailto:mfymelo@unicap.com.br)

sociais. Esse estudo originou sua obra intitulada *La Psychanalyse, son image e son public*, publicada em 1961.

Para elaborar sua teoria, Moscovici (1961) se apoiou nas reflexões de Durkheim (1978) concernentes às *representações coletivas e às representações individuais*, bem como nos trabalhos de Lévy-Bruhl, na teoria da linguagem de Saussure (1916), em parte da teoria piagetiana e na teoria sociointeracionista de Vygotsky (Moscovici, 1994).

Dessas influências, o conceito de *representações coletivas* ocupa, sem dúvida, um lugar privilegiado. Esse conceito foi desenvolvido por Durkheim (1978) na tentativa de explicar fenômenos sociais como a religião, os mitos, a ciência, definidos como:

*“produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espírito associaram-se, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e saber.”* (Durkheim, 1978)

Embora Durkheim (1978) tenha distinguido as representações coletivas das individuais, ele não se interessou em estudar as representações individuais, tendo designado aos psicólogos essa tarefa.

Vale ressaltar que, embora o conceito de representações coletivas tenha servido de ponto de partida para a elaboração da noção de representações sociais, existe uma distância importante entre esses dois conceitos visto que:

a) representações coletivas se restringem a uma dimensão sociológica enquanto que, como veremos mais adiante, as representações sociais se propõem articular as várias dimensões, inclusive a dimensão sociológica com a psicológica; b) os fenômenos que interessam a Moscovici (1961) e por ele considerados relevantes para a psicologia social do mundo contemporâneo são diferentes daqueles que foram estudados por Durkheim (1978).

*“As representações em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem as reminiscências, no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas da nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornam em tradições imutáveis (Moscovici apud Sá, 1995).*

Ao propor a noção de *representação social*, Moscovici (1961) tinha como objetivo elaborar uma perspectiva teórica apta a dar conta dos processos estudados pela psicologia social, já que ele considera que essa área da psicologia está interessada nas relações entre o individual e o coletivo, perdendo sua força quando um pólo domina o outro.

Dentro dessa linha de raciocínio, Farr (1995) assinala que Moscovici sempre criticou a perspectiva individualizante que predominava nas teorias da psicologia social oriundas dos Estados Unidos, atacando enfaticamente a esterilidade da maior parte das enquetes de opinião pública, já que esse campo de pesquisa se resume, sobremaneira, à coleta de informação. Aliás, ele pretendia que *“as representações sociais pudessem substituir as opiniões e imagens uma vez*

*que esses termos são demasiadamente estáticos e descritivos” (Farr, p. 49).*

Moscovici (1961) argumentava que essas teorias são geralmente filiadas ao positivismo e funcionalismo, não levando em conta a dimensão histórico-crítica, fato que ele tenta corrigir construindo a sua teoria a partir dessa dimensão.

Desse modo, a Teoria das Representações Sociais promove uma ruptura com a psicologia social vigente, uma vez que ela coloca na teoria e no método dessa disciplina, um lugar para o mundo social e seus imperativos, sem perder de vista a capacidade criativa e transformadora dos sujeitos sociais. Em decorrência desses princípios, nessa teoria, o sujeito tem um papel central, sendo considerado como ativo visto que é responsável pela formulação de teorias científicas ou do senso comum que possibilitam a criação de uma realidade consensual (Jovchelovitch, 1995, p. 64).

Para atender aos objetivos acima expostos, a noção de representação social se situa na interface entre o individual e o social, o psicológico e o sociológico, além de insistir sobre as relações essenciais entre: a) cognição, afeto e comunicação; b) operações mentais e operações lingüísticas, e c) informação e significação. Assim, como observa Guimelli (1994), ela pode explicar, de modo não redutor, a formação e a evolução dos conhecimentos práticos como também dos conhecimentos populares, ao mesmo tempo que sua função social.

Nesse sentido, Moscovici (1984) afirmava que as re-

apresentações sociais, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por constituir o pensamento no ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana.

Atualmente, essa teoria ocupa uma *posição carrefour*, para onde convergem várias disciplinas. Essa posição produz uma polissemia que, no entanto, é desejável uma vez que gera interpretações diversas, relativamente complementares umas das outras.

Esse fato parece contribuir para a resistência de Moscovici em apresentar uma definição precisa, já que acreditava que esse tipo de iniciativa poderia resultar numa restrição do seu alcance.

Segundo Ibañez (apud Sá, 1995, p. 31) uma das dificuldades apresentadas por Moscovici para definir a representação social é a *“sua composição polimorfa já que recolhe e integra toda uma série de conceitos que apresentam, cada um deles um alcance mais restrito que o próprio conceito de representação social”*.

Essa imprecisão conceitual tem gerado críticas por vezes pertinentes que apontam para a necessidade de formalização do conceito e de delimitação do campo de investigação, requisitos considerados importantes para a evolução da teoria. Embora essas críticas tenham sido respondidas no sentido de ponderar essas considerações, mostrando o efeito pernicioso que essa precisão pode trazer para um campo de pesquisa que apenas começou a desenvolver-se; alguns autores têm empreendido alguns esforços no intuito de promover uma maior clareza conceitual. Nesse

sentido, a contribuição de Denise Jodelet (1989) é considerável. No artigo que abre o livro *Représentations Sociales*, organizado por ela, encontramos a seguinte definição das representações sociais: “*uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, envolvendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*”.

Outros autores consideram que elas correspondem, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades arcaicas, podendo ser percebidas como uma versão contemporânea do senso comum.

Em consonância com os trabalhos realizados por Claude Abric e colaboradores, Sá (1996) entende as representações sociais como conjuntos sociocognitivos organizados e estruturados, constituídas de dois subsistemas: *um sistema central e um sistema periférico*. O conhecimento do simples conteúdo de uma representação não é o bastante para defini-la. Além disso, é necessário também identificar os elementos centrais – o núcleo – que: a) dão à representação sua significação; b) determinam os laços que unem entre si os elementos do conteúdo e c) regem enfim sua evolução e sua transformação.

Essas delimitações do campo conceitual estão sendo complementadas pelos esforços realizados por parte dos adeptos dessa teoria no sentido de distinguir as representações sociais de outros conceitos que abordam o conhecimento cotidiano, como por exemplo, o conceito de ideologia, de atitude etc.

Para Jodelet (1989), as representações sociais se distinguem dos outros sistemas de conhecimentos porque:

- é representação de alguma coisa (o objeto) e de alguém (o sujeito);
- estabelece com seu objeto uma relação de simbolização e de interpretação;
- é uma forma de saber, apresentando-se como uma « modelização » do objeto;
- é um saber qualificado de « prático » porque se refere: a) à experiência a partir da qual ele é produzido; b) a quadros e condições nos quais ele se encontra e, sobretudo, ao fato que a representação serve para agir sobre o mundo e sobre o outro.

Num artigo posterior, ao desenvolver seu ponto de vista, essa autora afirma que as representações sociais se distanciam desses conceitos pelos seus modos de constituição, já que a sua origem e a sua transmissão são fundamentalmente ligadas às trocas sociais. Isto é reforçado pelo fato de que ela é elaborada em diversos campos sociais e em situações diversas (Jodelet, 1991).

Dois processos dão conta da formação e da transformação das representações sociais:

- a) o *processo de ancoragem* concerne ao enraizamento social da representação. Ele insere o objeto novo num conjunto de crenças, de valores, etc., que já é dominante no grupo social em questão. Esse objeto é ligado a uma rede de significações, constituída pela hierarquia dos valores de uma sociedade. A ancoragem permite ligar o que é novo ao antigo.

b) o *processo de objetivação* está intimamente relacionado ao funcionamento do pensamento social. Ele simplifica os elementos da informação, concretiza as noções, fazendo-as corresponder a coisas concretas e, finalmente, a partir de uma lógica interna ao grupo resume essas informações a seus traços gerais. Assim, a informação é selecionada, independente dos contextos e esquemas para formar o que Moscovici chama de *núcleo figurativo*, constituído por alguns elementos que compõem um conjunto coerente e imagético, tornando concreto o que, a princípio, seria abstrato.

*O processo de objetivação* pode ser dividido em fases:

a) a *primeira fase* corresponde a uma *construção seletiva*, durante a qual os objetos são decompostos e selecionados;

2º) a *segunda fase* concerne a uma *esquematisação estruturante*, que forma, a partir das noções selecionadas, um “*núcleo figurativo*”.

3º) a *terceira fase* intervém quando os elementos do *esquema figurativo* são naturalizados, tornando as entidades objetivas e concretas que se pode constatar em si e nos outros.

No intuito de elucidar melhor esses processos, foram elaboradas duas novas noções: a *noção de thêmata* e a dos *esquemas cognitivos de base* (S.C.B.). A noção de “thêmata” foi introduzida por Holton (apud Guimelli, 1994), que a define como “*um conjunto de concepções primeiras, de idéias-forças, de arquétipos de um grupo*”. Esses esquemas se exprimem através de noções comuns, ancoradas e compar-

tilhadas no seio de uma determinada cultura. De acordo com Moscovici e Vignaux (apud Melo, 1999), os *thêmatas* constituem uma das bases da sociabilidade das representações, uma vez que eles suscitam a emergência e a produção do discurso social, que é significativo para uma determinada cultura. É em torno dessas idéias que se constituem as *representações sociais*.

*Os esquemas cognitivos de base* (S.C.B.) constituem uma noção criada por Rouquete (apud Guimelli, 1994) no intuito de elaborar uma abordagem estrutural das representações sociais, como também de precisar seus contornos.

As representações são concebidas ao mesmo tempo como *produto* (seus elementos constitutivos) e como *processo* (seus elementos constituintes) da atividade mental. Os produtos correspondem a articulações de conteúdos (ideativos, imaginários, simbólicos), detectáveis nos diferentes suportes (produções individuais ou coletivas do tipo discursivo, icônico ou prático), circulando na sociedade nos diversos canais de comunicação (conversações, instituições, mídia etc.).

Segundo Spink (1995, p. 90-91), a distinção entre *processo* e *produto* engendrou o desenvolvimento de duas vertentes de pesquisa. *Na primeira vertente*, a pesquisa está interessada no estudo das representações enquanto *produto*, tentando evidenciar seus elementos constitutivos: as informações, crenças etc. Entretanto, essas pesquisas têm a preocupação de não perder de vista as condições de produção desses elementos. Desse modo, além da análise dos seus conteúdos, efetua-se também a observação dos fatores que determinam a estruturação do campo de representação que está sendo focalizada.

A *segunda vertente* da pesquisa aborda as representações como processo ou pensamento constituinte, voltando-se para a *compreensão do funcionamento e da eficácia das representações na interação*. Nessa vertente, a pesquisa evolui em duas direções:

- a) estudando os mecanismos sociais que participam da atividade cognitiva, a partir dos processos: objetivação e ancoragem. Para isso, ela procura distinguir as determinações sociais das representações em função “*da posição ocupada pelos diferentes atores sociais, ou identificar os modelos coletivos disponíveis para que o indivíduo possa dar sentido a sua experiência social*”;
- b) examinando as propriedades estruturais das representações. Identificando os aspectos centrais - núcleo figurativo – e os periféricos, estudando a relação entre representação e comportamento, assim como a transformação das representações sociais.

Spink (1995), ressalta que, embora a análise das representações enquanto processo e produto seja necessária, ela pode introduzir uma falsa dicotomia na forma de pensar as representações, o que seria prejudicial para o desenvolvimento da teoria. Com efeito, esses aspectos estão sempre relacionados, o que leva as pesquisas a transitarem de um lado para o outro.

Aliás, atualmente, a pesquisa sobre as representações sociais é, sobremaneira, dinâmica. As abordagens teóricas se sofisticam e os métodos de coleta e de análise dos dados se diversificam. Assim, apesar das críticas dirigidas a essa teoria por autores ligados a diferentes disciplinas, pode-se observar que ela vem sendo cada vez mais empregada

nos meios científicos. Guimelli (1994), por exemplo, considera que a noção de representação social constitui uma noção chave da psicologia social.

## REFERÊNCIAS

DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. In : \_\_\_\_\_. Da divisão do trabalho social. As regras do método sociológico. O suicídio. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org). **Textos em Representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 1994.

GUIMELLI, C. Introduction: présentation de l'ouvrage. In: \_\_\_\_\_.(Ed.) **Structures et transformations des représentations sociales**. Paris : Delachaux & Niestlé, 1994.

JODELET, D. (org.). **Les représentations sociales**. Paris : Presse Universitaire de France, 1989.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org). **Textos em Representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 1994.

MELO, M. F. de Vilar **Le développement de la conceptualisation de connaissances et de l'argumentation chez des syndicalistes de faible niveau de formation de base**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Université René Descartes, Paris.

MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org). **Textos em representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris : Presse Universitaire de France, 1961.

REPRÉSENTATIONS SOCIALES. In : JODELET, D. (org). **Grand Dictionnaire de la Psychologie**. Paris : Larousse, 1991.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Representações sociais : o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (org). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo : Brasiliense, 1995.

SPINK, M. J. O estudo empírico das representações sociais. In: \_\_\_\_\_. (org). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo : Brasiliense, 1995.